ATIVIDADE: FAÇA SUA PRÓPRIA MÚMIA[1]

Moacir Elias Santos

A mumificação tinha uma importância fundamental para os egípcios antigos, pois era a chave para a preservação dos corpos a fim que eles pudessem viver para sempre. Por meio de diversas fontes escritas, arqueológicas e da análise dos próprios corpos, atualmente sabemos como as múmias eram preparadas. Assim, podemos reconstituir, em parte, como era executado o processo de mumificação em seu apogeu, durante o Reino Novo (c.1550-1070 a.C.).

Quando um egípcio morria seus familiares levavam seu corpo para o local da purificação, uma espécie de tenda móvel onde o cadáver era lavado com água. Em seguida o corpo era transferido para a "bela casa" (o lugar onde se realizava a mumificação), e ali permaneceria durante 70 dias. O processo tinha início com a extração do cérebro e dos órgãos internos. Primeiramente o sacerdote introduzia um instrumento pontiagudo pelo nariz para perfurar o osso etmóide chegando, assim, até o cérebro. Em seguida outro instrumento, com ponta em forma de anzol, era empregado na maceração do mesmo: retirado em seguida com o auxílio de água ou vinho de palmeira. Os fragmentos eram descartados. O crânio era então preenchido com serragem, resinas, ou linho impregnado com resina. Os olhos eram recobertos por pedaços de linho, por duas pequenas cebolas ou substituídos por peças de vidro.

Fazia-se então uma incisão no lado esquerdo do abdome e retiravam-se os intestinos. Perfurava-se o diafragma e extraíam-se os demais órgãos. O coração deveria permanecer em seu local original, porque acreditava-se que era a sede da inteligência e, sendo assim, o órgão mais importante. Os rins eram removidos, mas também poderiam ser deixados no local. Os órgãos eram lavados com vinho de palmeira e colocados sobre pratos onde ficariam cobertos com natrão (mistura de cloreto de sódio, bicarbonato de sódio, sulfato de sódio e carbonato de sódio) durante 30 dias para que se conservassem. Posteriormente eram banhados por óleos aromáticos, cobertos por resinas e enfaixados separadamente. Os pulmões, o fígado, o estômago e os intestinos eram colocados em quatro vasos, chamados canópicos, com tampas em forma da face dos filhos do deus Hórus: os deuses Amset (cabeça humana),

[1] © 2001-2010 Museu de Arqueologia.

Hapi (cabeça de babuíno), Duamutef (cabeça de chacal), e Quebsenuf (cabeça de falcão). Estes vasos eram guardados em uma caixa, de madeira ou alabastro, e levados para a tumba junto com a múmia.

Segundo Heródoto, a cavidade do corpo era também lavada com vinho de palmeira. Em seguida o corpo era preenchido, para evitar deformações, com enchimentos temporários ou pacotes contendo natrão. O corpo era recoberto com a mesma substância durante 35 dias – tempo necessário para desidratá-lo. Ao término do período, o embalsamador retirava os enchimentos temporários da cavidade abdominal. A múmia era lavada e enxugada para somente depois receber os enchimentos permanentes: pedaços de linho, serragem, cebolas etc. Em seguida resinas eram aplicadas sobre a pele e, sobre o local da incisão, colocava-se um amuleto para protegê-lo. Jóias e outros adereços eram colocados antes do envolvimento do corpo com faixas de linho. O envoltório requeria 15 dias para ser completado, durante cada passo textos eram recitados (conhecidos como "Ritual do Embalsamento"). Amuletos eram dispostos entre as faixas, destinados a proteger o morto. Por último, com a múmia devidamente preparada colocava-se uma máscara funerária e, posteriormente, o corpo embalsamado era devolvido para sua família que o depositava em um ataúde.

Na mumificação podemos afirmar que a principal parte do processo está relacionada a desidratação do corpo. Para demonstrar sua eficácia, uma atividade simples pode ser realizada em sala de aula: um experimento de mumificação de uma maçã. Eis uma lista dos materiais necessários:

- 750 gramas de sal;
- 250 gramas de bicarbonato de sódio;
- 1 maçã (tipo gala);
- 2 potes plásticos vazios;
- 1 balança;

Primeiramente pese 250 gramas de sal e junte com 250 gramas de bicarbonato num pote. Misture bem. Coloque as 500 gramas restantes do sal no outro pote. Identifique cada um dos potes com uma etiqueta ou papel para saber o conteúdo. Corte a maçã em quatro partes iguais e utilize apenas duas partes. Pese separadamente cada uma delas (utilize a ficha abaixo para registrar os dados obtidos). Em seguida enterre um dos pedaços no pote com sal, e o outro no pote com onde o sal está misturado com bicarbonato. Depois de 7 dias retire ambos os pedaços e faça uma primeira pesagem e registre os dados na ficha. Mexa o conteúdo dos potes e enterre novamente os pedaços da maçã. Ao final de 14

dias retire ambos os pedaços de maçã dos potes e efetue a pesagem final. A partir do experimento levante uma série de questões com os alunos e discuta o tema. O que aconteceu com cada um dos pedaços da maçã? O sal é eficaz neste processo ou não? Quais são os alimentos que utilizam técnicas semelhantes de secagem nos dias de hoje?

ETAPAS DE PESAGEM DA MAÇA	**PESO EM GRAMAS (SOMENTE SAL)**	**PESO EM GRAMAS (SAL + BICARBONATO)**
Primeira pesagem no início da atividade		
Segunda pesagem ao final de sete dias		
Resultado parcial: Primeira pesagem menos (-) a segunda pesagem		
Pesagem final aos 14 dias:		
Resultado final: Primeira pesagem menos (-) a pesagem final		

Crédito das Ilustrações: Ian Dicks e Nadine Wickender. Imagens na Publicação: Alves, M. F. *Múmias Egípcias.* Coleção Ver de Perto. São Paulo: Editora Abril, 1998.

Texto adaptado de: SANTOS, Moacir E. *Da morte à eternidade*: a religião funerária no Egito do I Milênio a.C.. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2002.